

Processo de Trabalho Docente e o uso de Medicamentação das Professoras de Educação Infantil da Região Sul do Rio Grande do Sul

JANAINA BARELA MEIRELES¹; MARIA LUIZA LUONGO SILVEIRA²; JARBAS SANTOS VIEIRA³; MARIA DE FÁTIMA DUARTE MARTINS⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – ninameireles234@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – luiza.luongo@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – jarbas.vieira@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas- duartemartinsneia@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar resultados parciais da pesquisa *Trabalho e Saúde das Professoras de Educação Infantil das Escolas Públicas Municipais da Região Sul do Rio Grande do Sul*. Pesquisa que analisa a relação entre a saúde e o processo de trabalho desenvolvido pelas professoras e professores que atuam em Escolas de Educação Infantil (EMEI) de 16 cidades da Região Sul do Rio Grande do Sul. São elas: Arroio Grande, Arroio do Padre, Canguçu, Capão do Leão, Cerrito, Herval, Cristal, Jaguarão, Morro Redondo, Pedro Osório, Pelotas, Pinheiro Machado, Piratini, Santana da Boa Vista, São Lourenço do Sul, Turuçu.

Metodologicamente a pesquisa se desenvolve em duas dimensões: uma quantitativa e outra qualitativa. Na dimensão quantitativa foi aplicado o questionário JCQ (JobContentQuestionnaire) sobre o universo de todas as professoras e auxiliares que atuam em sala de aula nas Escolas de Educação Infantil dessas cidades. O JCQ pode ser traduzido como *Questionário Sobre o Conteúdo do Trabalho*, e é utilizado para investigar as rotinas ocupacionais do trabalho que são consideradas um risco à saúde dos trabalhadores. Na dimensão qualitativa serão feitas entrevistas semi-estruturadas sobre uma amostra do universo de professoras e auxiliares da primeira etapa.

Nosso referencial teórico tem como base os conceitos de trabalho docente, de mal-estar docente e de intensificação do processo de trabalho. Estes conceitos ajudam a ver o quanto o trabalho educativo nas escolas de Educação Infantil vem sendo intensificado – fazer mais coisas no mesmo tempo de trabalho e sob as mesmas condições de infra-estrutura e de apoio pedagógico e social.

Neste recorte da pesquisa, apresentamos dados relativos ao uso de medicamentos somente com as professoras das EMEIs que atuam nas redes públicas municipais de todas as cidades pesquisadas, menos Pelotas. Destacamos que frente às altas exigências e inúmeras demandas que se impõem sobre as professoras, muitas acabam recorrendo à medicamentação, compreendida como a relação entre a adequação das docentes a situações conflituosas do seu trabalho e as tentativas de atenuar os efeitos prejudiciais dessas condições sobre a sua saúde. É através do consumo de medicamentos que as professoras tentam aliviar os problemas, buscando um reequilíbrio e uma readaptação para manterem-se num nível de bem estar em sua profissão.

Autores como VIEIRA et al. (2015) ASSUNÇÃO (2009), HYPOLITO (2009) foram a base teórica utilizada para desenvolver esse trabalho e, também, para ampliar os conhecimentos sobre os conceitos de processo de trabalho docente, *mal-estar* e intensificação do trabalho.

2. METODOLOGIA

Até o momento a pesquisa foi desenvolvida através de métodos quantitativos. Construímos um banco de dados com informações sócio-demográficas e funcionais das professoras que atuam na Educação Infantil nos municípios das 16 cidades da região sul do Rio Grande do Sul.

O instrumento *Job Content Questionnaire* (JCQ) foi aplicado através de uma versão composta por 48 questões, que contempla duas dimensões psicossociais no trabalho: o controle sobre o trabalho e a demanda psicológica dele advinda; também avalia o suporte social proveniente da chefia e dos colegas de trabalho e, por fim, a demanda física e a insegurança no emprego.

Além do JCQ, foi aplicado um questionário complementar composto por 06 questões, abrangendo as seguintes dimensões do processo trabalho: mudanças no processo de trabalho; licenças de saúde entre os anos de 2012 e 2014; motivos de tais licenças; problemas de saúde no processo de trabalho e, por fim, o uso e os tipos de medicação consumidos pelas professoras. É sobre estas duas últimas dimensões que se debruça este recorte.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer dos anos, as reformas educacionais vêm trazendo novas exigências profissionais para as docentes, embora não tragam consigo condições e adequações necessárias para o desenvolvimento de uma educação de qualidade. Essa realidade acaba naturalizando as condições desfavoráveis para o desempenho da docência, produzindo assim um sentimento de que ser professor/a é sacrificar-se pessoalmente para que possa existir um bom funcionamento das ações e das relações educativas, como se as docentes tivessem a missão de salvar as crianças.

Professoras que permanecem nas EMEl, apesar das inúmeras dificuldades que enfrentam, continuam buscando a valorização profissional e acreditam na importância da sua profissão para a sociedade, porém, frente ao desprestígio social muitas acabam se acomodando e passam a viver momentos de desânimo, potencializando o adoecimento de muitas delas.

O uso da medicação é, muitas vezes, a válvula de escape que as professoras encontram para continuar desempenhando suas funções. Assim entendemos que o uso de medicamentos pode ser uma forma de silenciar problemas que existem no cotidiano das escolas, o que implica riscos para a saúde de cada docente. Vejamos os dados obtidos:

De acordo com dados encontrados na pesquisa realizada na cidade de Pelotas, de um total de 196 professoras da Educação Infantil, ao referirem-se ao uso de medicamentos usados para dar aulas, 120 pessoas responderam que tomam algum tipo de medicamento e 76 responderam que não tomam. Isso nos dá um resultado de 61,20% contra 38,80%. Já nas cidades do interior, de um total de 228 respondentes, 51 professoras responderam que tomam algum medicamento para trabalhar. Isso nos dá um total de 22,4% de pessoas que tomam algum tipo de medicamento para dar aulas contra 53,5% que afirmaram não tomar nenhum tipo de medicamento. Além disso, 18% responderam que às

vezes tomam algum medicamento. Se somarmos as professoras que responderam sim ao uso de medicamentos com as que responderam às vezes, teremos um número bastante significativo e preocupante: 40,4%.

Na questão sobre os tipos de medicamentos que são tomados para dar aula, e considerando que as professoras marcaram mais de uma alternativa, encontramos os seguintes dados: analgésicos (53,5%), Anti-inflamatórios (32%), antibióticos (22%), anti-depressivos (18,8%), vitaminas (18,4%), anti-alérgicos (14,5%), calmantes (10,9%), reguladores de humor (5,3%), outros (9,2%) e 21% responderam que não tomam nenhum tipo de medicamento.

Se avaliarmos o uso de remédios consumidos para aliviar problemas emocionais (anti-depressivos, vitaminas, calmantes e reguladores de humor) teremos um resultado de 53,4%, percentual significativo que nos leva a entender que a profissão docente vem experimentando estreita ligação com os problemas de saúde.

4. CONCLUSÕES

As novas exigências profissionais e a intensificação do trabalho docente acabam produzindo efeitos sobre a saúde do professorado. Podemos destacar fatores qualitativos, que são caracterizados pelas transformações da atividade sem o necessário suporte social para acomodar as exigências do trabalho, e também, os fatores quantitativos, relacionados ao aumento do volume de tarefas nas escolas. Com isso, é através do uso de medicamentos que as professoras procuram minimizar efeitos prejudiciais que as condições de trabalho trazem para a sua saúde.

No dia-dia das salas de aulas surgem vários conflitos que não são previstos pelo sistema educacional, e assim as professoras se deparam com situações que não estavam preparadas para resolver ou enfrentar. As condições em que trabalham, somado aos baixos salários, a intensificação e o pouco prestígio que recebem, levam muitas profissionais ao adoecimento e, muitas vezes, ao afastamento devido ao mal-estar que sentem em sua profissão.

É importante destacar que o uso da medicação provoca também o presenteísmo, uma vez que as professoras, mesmo em situações de adoecimento, permanecem no âmbito escolar, talvez como uma necessidade de se sentirem úteis na sua “missão de educar”.

Por fim, cabe destacar que esses conflitos somados ao processo de intensificação que as professoras vêm experimentando nesses últimos anos, colocam em risco tanto a qualidade da educação quanto, e preocupantemente, a saúde dessas trabalhadoras, na medida em que essas profissionais se encontram em constante conflito ao ter que eleger o que consideram central no processo educativo (o processo de educação ética e de aprendizagem propriamente dito) e o que, de fato, precisa ficar em segundo plano, frente a um contexto de hipersolicitação e crescentes demandas que lhes chegam dia após dia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO, A.A. **Ensinar em condições precárias: efeitos sobre a saúde; relatório de estudo exploratório**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

ASSUNÇÃO, Ada Ávila; OLIVEIRA, Dalila Andrade. **Intensificação do Trabalho e Saúde dos Professores**. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 30, n. 107, p. 349-372, maio/ago. 2009.

BALINHAS, Vera Lúcia Gainssa; VIEIRA, Jarbas Santos; MARTINS, Maria de Fátima Duarte; GARCIA, Maria Manuela Alves; ESLABÃO, Leomar; SILVA, Aline Ferraz da; FETTER, Carmem Lúcia; GONÇALVES, Vanessa Bugs. **Imagens da Docência: Um Estudo sobre o Processo de Trabalho e Mal-estar Docente**. Revista Mal-estar e Subjetividade - Fortaleza - Vol. XIII - Nº 1-2 - p. 249 - 270 - mar/jun 2013.

ESTEVE, José S. **O Mal-estar Docente**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.

GARCIA, Maria Manuela Alves; ANADON, Simone Barreto. **Reforma educacional, intensificação e autointensificação do trabalho docente**. *Educação & Sociedade*, Abril 2009, vol.30, n.106, p.63-85.

HYPOLITO, Álvaro Moreira; VIEIRA, Jarbas dos Santos; GARCIA, Maria Manuela Alves. **Trabalho docente: formação e identidades**. Pelotas, Seiva, 2002.p. 271-283.

HYPOLITO, Álvaro Moreira; VIEIRA, Jarbas dos Santos; PIZZI, Laura Cristina Vieira. **Reestruturação Curricular e Auto-intensificação do Trabalho Docente**. Currículo Sem Fronteiras, V. 9, n. 2, pp. 100-102, jul/dez 2009.

VIEIRA, Jarbas Santos; FONSECA, Márcia Souza. **Natureza do Trabalho Docente**. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDRom.

VIEIRA, Jarbas Santos; GARCIA, Maria Manuela Alves; MARTINS, Maria de Fátima Duarte; ESLABÃO, Leomar; SILVA, Aline Ferraz da; BALINHAS, Vera Gainssa; FETTER, Carmem Lucia da Rosa; BUGS, Vanessa. **Constituição das Doenças da Docência.Cadernos de Educação**, FaE/PPGE/UFPel, Pelotas [37]: 303 - 324, setembro/dezembro 2010.

VIEIRA, Jarbas Santos et al. **Processo de trabalho das professoras de educação infantil: entre imagens de bondade e o mal-estar docente**. Pelotas: UFPel, 2014. (mimeo., artigo no prelo).